



## **Empoderamento, beleza e capitalismo: como o neoliberalismo se apropriou de demandas feministas**

Brenda Karolainy Penha Siqueira<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho tem como intuito propor reflexões acerca das teorias e práticas feministas que, ao serem cooptadas pela ideologia capitalista neoliberal, passam por um processo de despolitização, abandonando o caráter político e social do movimento feminista em função de uma identidade individual e subjetiva. Um feminismo acrítico. Com base em pesquisas bibliográficas e dados econômicos sobre a população brasileira, esse trabalho utiliza a interseccionalidade como ferramenta de análise para compreender as estruturas de gênero, raça e classe dentro de um discurso liberal que se apropria deliberadamente do conceito de empoderamento em virtude da obtenção de lucro, do mesmo modo como se propõe a refletir sobre as características imperialistas e que visam à colonização do pensamento para atender a uma agenda patriarcal de supremacia branca. O trabalho é, portanto, uma análise interseccional e decolonial que propõe uma radical ruptura com os preceitos mercadológicos ao reconhecer a necessidade de se reestabelecer a politização e conscientização do movimento feminista.

**Palavras-chave:** beleza; empoderamento; racismo.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Júlio Mesquita Filho – UNESP Campus Marília/SP;  
Historiadora licenciada pelo Centro Universitário Toledo – Araçatuba/SP;  
E-mail: breenda.k.ps@gmail.com.

GT 01 - Amefricanizando o feminismo: mulheres negras saindo da invisibilidade

## **Empowerment, beauty and capitalism: how neoliberalism appropriated feminist demands**

### **Abstract**

The ideas discussed in this article proposes a reformulation of critical thinking of feminist theory. No longer consider the feminist as an individual and subjective lifestyle but like one social and political movement aiming to revolutionize the patriarchal and sexist society. The capitalist and neoliberal market logic appropriated feminist discourse of empowerment emptied the word of its collective meaning to boost their profits. Reestablish the politicization of the feminist movement it is extremely important so that is possible to carry out a feminist revolution. A revolution that begins at the base, in the margin, at the consciousness, in the subjective and expands to the collective. A revolution that sets out to break the stereotypes of femininity, beauty and fashion that are created, exposed, and evidenced by the capitalist and patriarchal ideology of white supremacy. A revolution ready to reflect on the sexist, racist, classist and imperialist issues that violate women psychologically and symbolically, especially black women. Fear of rejection, silencing and approximation of the image of the “ugly-feminist” contributes to the depoliticization process of feminist theory at the same time in which reveals patriarchal and sexist success in thought colonization process. It is necessary reflect on the capitalist strategy that colonize out bodies and minds to meet the American-Eurocentric expectations and disregard all decentralized and non-white characteristics within the standardized spectrum of beauty. Considering intersectionality and decoloniality requires rethinking the patterns of fashion and beauty within the structures of gender, race, and class, as well as the need to recognize the centralization of a colonizing ideal that is established as a standard.

**Keywords:** beauty; empowerment; racism

### **Para início de conversa...**

Em uma sociedade de classes, regida pelo capitalismo, é certo que tanto as relações sociais quanto as relações de trabalho não são dadas como simples interações humanas, mas como vínculos capazes de gerar lucro e contribuir para com a acumulação de capital. Nesse sentido, torna-se pertinente a problematização acerca das intenções de empresas e indústrias da moda e beleza associarem suas marcas ao

discurso de empoderamento feminino, atualmente considerado pauta do movimento feminista.

O presente artigo não se trata, porém, de uma pesquisa de cunho marxista, haja vista que não propõe o desenvolvimento de uma análise pautada no materialismo histórico dialético, mas se fundamenta por intermédio da teoria crítica feminista e anticapitalista devido à utilização da interseccionalidade como ferramenta de análise para a compreensão das relações estabelecidas dentro da tríade gênero, raça e classe, além de se dispor de uma análise decolonial no que diz respeito à compreensão de um imaginário hegemônico de beleza pautado em ideais estadunidense-eurocêntricos. Pode-se dizer, portanto, que embora não se utilize o materialismo histórico dialético como método, ele é utilizado como ferramenta, haja vista que as autoras que fundamentam esse artigo são, em certa medida, marxistas.

A posição ocupada por mulheres (e principalmente mulheres negras) no mercado de trabalho é notoriamente mal remunerada, embora seja mais rigorosa nas exigências que dizem respeito à apresentação pessoal, além de estabelecer a necessidade de atender a obrigações não impostas aos homens. Constitui-se, portanto, um ciclo vicioso entre consumo, apresentação pessoal e, eventualmente, reconhecimento e possibilidade de inclusão a territórios antes restringido a mulheres negras.

Com respaldo teórico e bibliográfico oriundo de reflexões propostas por autoras feministas, o desenvolvimento dessa pesquisa busca responder a algumas perguntas sobre o direcionamento político e social do movimento feminista. Como empoderamento, autoestima e beleza se relacionam dentro dos novos debates feministas? Como grandes setores da moda e beleza se apropriaram do discurso progressista a fim de integrar ao seu portfólio mais um grupo social? Como se instaurou um discurso de consumo que promete incorporar mulheres a novos domínios sociais ao mesmo tempo em que se desvincula da politização feminista no momento em que se reforça a beleza (esteticamente padronizada por instituições elitistas de supremacia branca) como aspecto empoderador e não como característica de feminilidade construída por um desejo de distanciar mulheres do debate político? Como reestabelecer o caráter político de um movimento que está se perdendo nos discursos liberais que

marginalizam e expõe à vulnerabilidade mulheres negras e pobres? Reforçar estereótipos de beleza, ainda que mascarados por um discurso inclusivo e empoderador, deve ser considerado, portanto, antifeminista, pois são táticas mercadológicas orientadas pela aspiração ao lucro sem nenhuma reflexão política e coletiva, como o feminismo deveria ser.

### **Conceituando o empoderamento**

Para iniciar as discussões que serão levantadas nesse trabalho é preciso, de antemão, compreender o conceito principal a ser percorrido. Joice Berth (2019) define o empoderamento, em linhas gerais, como uma teoria ligada à conscientização das potencialidades de indivíduos oprimidos pelo sistema político-social. Está vinculado à necessidade de se proporcionar caminhos para a libertação e emancipação não de um indivíduo, mas de um grupo social.

O empoderamento é, portanto, um processo de mobilização que visa à elevação das condições de vida de grupos sociais, que pode ocorrer em diferentes setores, como intelectual, com o reconhecimento da produção de conhecimento de grupos marginalizados ou econômico, que estabelece condições para a superação da vulnerabilidade socioeconômica.

A questão que precisa ser elucidada nesse sentido diz respeito ao processo de despolíticação e esvaziamento do conceito em função de uma ideologia individualista. Em âmbito individual o empoderamento pauta a autoconscientização, abordando de maneira subjetiva a reflexão acerca das condições psicológicas do indivíduo, enquanto sua materialização no âmbito coletivo se dá como a capacidade de se identificar com o outro e estabelecer mudanças sociais.

Faz-se necessário compreender que, ao relacionar o empoderamento como um conceito vinculado ao movimento feminista, ele precisa atender também às definições do feminismo. Se o feminismo é, dentro da sua base teórica, um movimento social e político que visa à abolição do patriarcado materializado principalmente pelo sexismo (hooks, 2019a), o empoderamento precisa

se materializar dentro do feminismo como uma ferramenta de subversão às normas sociais também de maneira social e política. Assim sendo, embora a conscientização faça parte de um processo individual de empoderamento, ela precisa se expandir do “eu” para o “nós:

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstruem e desconstruem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. Em outras palavras, se o empoderamento, no seu sentido mais genuíno, visa a estrada para a contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser (BERTH, 2018, p. 37).

A crítica à noção individualista da palavra empoderamento se dá justamente pela ausência de politização e criticidade indissociáveis do termo empoderamento. Fica evidente, portanto, que os discursos que predominam no meio midiático se apropriam da palavra empoderamento ao mesmo tempo em que a esvazia de seu significado político.

O que é empoderar-se para a indústria da moda e beleza? Vestir camiseta “Girl Power” da C&A? Usar a blusinha “The future is female” da Marisa? Se maquiar com a paleta de sombras “Feminista” da L’Oreal Paris? E ignorar o fato de que essas e outras marcas utilizam majoritariamente, quando não exclusivamente, pessoas brancas para protagonizarem suas propagandas comerciais?

Quão acrítica é a noção de empoderamento individual, haja vista que “o foco feminista no “eu” não foi ligada a um processo de politização radical, mas a um processo de despolitização” (HOOKS, 2019a, p. 221)? Essa leitura do empoderamento enquanto resultado da subjetividade do indivíduo é resultado de uma compreensão do feminismo enquanto estilo de vida, um feminismo “politicamente correto em sua representação do eu, ao invés de ser político” (HOOKS, 2019a, p. 221).

Deve-se sempre enfatizar que isso é somente parte do processo de politização, que deve estar vinculado à educação para a conscientização crítica, que ensine sobre as estruturas de dominação e sobre como ela funcionam. Compreender essa última questão é o que nos permite imaginar novas possibilidades e estratégias para a mudança e transformação. O quanto somos capazes de vincular a autoconscientização radical à luta coletiva para mudar e transformar o eu determinará o destino da revolução feminista (HOOKS, 2019a, p. 224).

A necessidade neoliberal de se reforçar um feminismo mainstream se fundamenta em uma das características básicas da ideologia capitalista, que é o esforço de se estabelecer lucro, ou gerar capital, utilizando como fonte tudo aquilo que, de algum modo, atenda aos interesses de um público consumidor alienado pela lógica mercadológica.

A apropriação neoliberal do discurso feminista do empoderamento associado ao processo de despolitização do movimento é vendido por empresas e corporações de “livre mercado” e comprado por (pseudo) progressistas que falham na compreensão crítica das relações sociais estipuladas dentro de uma sociedade capitalista. Representa, portanto, a ausência de criticidade de uma “ala esquerda do liberalismo” (FRASER; JAEGGI, 2020, p. 18) que não propõe a examinar de maneira criteriosa as mazelas resultantes de uma ideologia que tem como único objetivo a obtenção do lucro, mesmo que esse capital seja oriundo da exploração de mão de obra.

Davis (2017) salienta a importância de se reestabelecer o caráter político da palavra empoderamento para que seja possível “desenvolver coletivamente estratégias que iluminem o caminho rumo ao poder econômico e político para nós mesmas e para a nossa comunidade” (DAVIS, 2017, p. 15). Não se trata de algo que se possa ensinar, aprender ou adquirir pelo exercício, tampouco é algo inato ou natural do indivíduo, mas decorre de um processo de conscientização individual e coletiva. A expressão “erguendo-nos enquanto subimos” é um incontestável exemplo dessa noção política do conceito empoderamento:

Tal abordagem reflete as aspirações e os interesses frequentemente desarticulados das massas de mulheres de todas as origens raciais. Milhões de mulheres hoje estão preocupadas com empregos, condições de trabalho, salários mais altos e violência racista. Elas estão preocupadas com o fechamento das fábricas, com a falta de moradia, e com a legislação migratória repressiva. Estão preocupadas com a homofobia, o idadismo e a discriminação contra as pessoas com deficiências físicas. Estamos preocupadas com a Nicarágua e a África do Sul. E compartilhamos com nossas crianças o sonho de que o mundo de amanhã esteja livre da ameaça de um onicídio nuclear. Essas são algumas das questões que devem ser incluídas na luta geral pelos direitos das mulheres, caso exista um compromisso sério com o empoderamento daqueles mulheres que têm sido historicamente submetidas à invisibilidade. Essas são algumas das questões que devemos considerar se queremos erguer-nos enquanto subimos (DAVIS, 2017, p. 17).

Fica evidente, portanto, que o discurso midiático não passa de uma jogada de marketing que se apropria do termo empoderamento considerando o processo de despolitização do movimento feminista. Nesse sentido, faz-se necessário que as feministas sejam críticas para que se recupere a noção coletiva do empoderamento e possibilite a ascensão das mulheres enquanto grupo, não enquanto indivíduos.

### **O racismo e sexismo na indústria da moda e beleza**

A discussão que engloba o tópico de raça é inserida justamente na compreensão da posição que é destinada à mulher negra em sociedades colonizadas com histórico escravista. Davis (2016) indica que o imaginário escravagista aniquilava na mulher negra escravizada qualquer aspecto de feminilidade e docilidade atribuído às mulheres brancas, haja vista que seu principal papel social era o de exercer trabalho compulsório e, apenas eventualmente, ser esposa, mãe ou dona de casa.

Em *O Mito da Beleza* (1992) Naomi Wolf salienta que a preocupação com a beleza é “trabalho inesgotável, porém efêmero, [que] assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras” (p. 20). É uma técnica de reformulação e materialização do patriarcado que se empenha para colonizar a consciência feminina, processo que, em virtude do esforço para ser legitimada dentro da sociedade patriarcal, faz com que a maioria das mulheres se submetam a diversos procedimentos estéticos para atender ao padrão de beleza vigente. A autora inclui em sua crítica à busca incessante à aparência perfeita alguns dados referentes à década de 1980:

E a alucinação inconsciente adquire influência e abrangência cada vez maiores devido ao que hoje é uma consciente manipulação do mercado: indústrias poderosas – a das dietas, que gera 33 bilhões de dólares por ano, a dos cosméticos, 20 bilhões de dólares, a da cirurgia plástica estética, 300 milhões de dólares e a da pornografia com seus sete bilhões de dólares – surgiram a partir do capital gerado por ansiedades inconscientes e conseguem por sua vez, através da sua influência sobre a cultura de massa, usar, estimular e reforçar a alucinação numa espiral econômica ascendente (WOLF, 1992, p. 21).

A associação feita anteriormente entre a apropriação mercadológica da palavra empoderamento e o processo de despolitização do movimento feminista pode ser compreendido com nitidez na citação supracitada de Naomi Wolf. Essa estratégia não é recente e as críticas feministas dotadas de politização têm sido feitas há décadas.

Bell hooks (2019b) explica que todos os indivíduos que foram socializados dentro de uma estrutura social patriarcal estão sujeitos a interiorizar e reproduzir a norma sob a qual foram instruídos em sua formação, “todas as mulheres, mais velhas ou mais jovens, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem, em ser ou não notada como pessoa de boa aparência” (p. 57). Essa afirmação explica o medo que das mulheres que se identificam com o feminismo mainstream têm de serem consideradas “feias” e, portanto, silenciadas, haja vista que o valor da

mulher dentro do patriarcado está diretamente ligado à sua imagem. A afirmação explica também como o capitalismo neoliberal se apropriou do discurso feminista de empoderamento, porque, “certamente era do interesse da indústria da moda e cosméticos capitalista patriarcal de supremacia branca glamourizar novamente as noções sexistas de beleza” (p. 61).

A mulher negra, por consequência da influência do processo de colonização e escravidão, foi suprimida do imaginário que constitui o padrão de beleza. Seus tons de pele, espessura de seus lábios, curvatura de seus cabelos ou formato dos narizes foram considerados feios, desproporcionais ou esteticamente desagradáveis. As características físicas que demarcam a negritude eram, e ainda são, desprezadas pelas sociedades patriarcais de supremacia branca.

As indústrias da moda e beleza estimulam diretamente a rejeição de mulheres negras às próprias características negroides, uma vez que seus produtos reproduzem e reforçam toda a leitura racista da sociedade. Hooks (2019a) atribui essa aceitação de mulheres negras aos estereótipos racistas de beleza ao mesmo processo de Wolf (1982) denomina de colonização da mentalidade feminina:

A consciência de mulheres negras é moldada pelo racismo internalizado e pelos interesses reacionários de mulheres brancas conforme expressos na cultura popular, tal como em novelas, no mundo da moda branco ou nos cosméticos, que massas de pessoas negras consomem sem rejeitar essa propaganda racista e a desvalorização de mulheres negras (HOOKS, 2019a, p. 362).

Essa noção liberal de beleza e moda como um aspecto subjetivo e individual do empoderamento da mulher desconsidera as principais características das indústrias: o sexismo, capitalismo, classismo e racismo (JEFFREYS, 2005). O padrão de moda e beleza seguido por países colonizado expõe também a colonização do imaginário social, haja vista que as referências utilizadas seguem o ideal estadunidense-eurocêntrico, reverenciando, sobretudo, a imagem da mulher branca, incentivando mulheres negras a se desvencilhar de suas particularidades raciais.

A indústria da moda e beleza passou a explorar a mulher negra enquanto potencial consumidora, depois de décadas de negligência para com o reconhecimento da feminilidade enquanto construção social dentro da ordem patriarcal capitalista de supremacia branca. Nos últimos anos, o mercado cosmético movimentou-se para produzir tons de base, pó e iluminador para peles pretas, mesmo que as opções sejam limitadas. Produtos para cabelos cacheados e crespos finalmente ganharam espaço nas gôndolas de perfumarias, farmácias e supermercados. Todavia, o que parece ser uma revolução da racial no pensamento do mercado da beleza é, na verdade, mais uma das múltiplas estratégias para se expandir os lucros que sustentam o sistema econômico capitalista.

A recente incorporação de produtos destinados a mulheres negras revelam o empenho da indústria capitalista e patriarcal de supremacia branca para fazer com que mais mulheres se sintam inadequadas em seus próprios corpos. E quanto mais desconfortáveis consigo mesmas, maior será o medo de ser vista como “a feminista feia” e o esforço para atingir um padrão constantemente mutável permanentemente inatingível.

A ideia é fazer com que as mulheres alimentem um auto-ódio e busquem incessantemente meios de serem reconhecidas e legitimadas dentro de uma sociedade que reduz o valor da mulher à beleza (WOLF, 1982), ignorando a violência simbólica produzida pelos mecanismos de coerção que estabelecem a falsa ideia de liberdade e escolha (JEFFREYS, 2005). É nesse processo que a colonização da consciência feminina ganha forma e se materializa, contribuindo para com a complementação de um projeto imperialista e capitalista de dominação de consciências transnacionais.

Repensar a criticidade e a prática feminista se torna imprescindível para a retomada da politização do pensamento feminista, haja vista que as mulheres, principalmente as negras, precisam aprender a lidar com a própria imagem. Hooks (2019b) afirma que “não seremos livres até que as feministas retornem à indústria da beleza e criem uma revolução contínua” (p. 63), para que seja possível descobrir como amar nossos corpos e a nós mesmas, porque a negligência crítica com a compreensão de jargões feministas

sustenta o “comprometimento com o imperialismo ocidental e o capitalismo transnacional” (p. 76).

### **A vulnerabilidade da mulher negra frente ao empoderamento neoliberal**

Os dados acerca da situação socioeconômica da população brasileira obtidos pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2013 identifica as mulheres negras como grupo social mais financeiramente vulnerável. As informações disponibilizadas se dividem da seguinte forma:

**Tabela - Desigualdade social classifica por gênero e raça**

GRUPO SOCIAL	EXTREMA POBREZA	POBREZA	SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE	NÃO POBRES
MULHERES NEGRAS	7,4	13,3	53,0	26,3
MULHERES BRANCAS	3,1	5,5	38,9	52,5
HOMENS NEGROS	7,0	12,9	52,2	27,9
HOMENS BRANCOS	2,9	5,6	38,7	52,8

Fonte: Dossiê Mulheres Negras: Relato das condições de vida das mulheres negras no Brasil, 2013. Elaborado pela autora

Essas mulheres são, em sua maioria, trabalhadoras domésticas, faxineiras ou diaristas, e representam quase o dobro de mulheres brancas exercendo as mesmas funções respectivamente 18,6% e 10%). Outra característica relevante a ser tratada aqui é o fato de o Brasil possuir o maior número de empregadas domésticas, faxineiras e diaristas do mundo, representando 14,6% do trabalho feminino brasileiro<sup>3</sup>. Sabe-se também, que é esse trabalho efêmero, inesgotável, mal remunerado ou não remunerado que sustenta o trabalho “produtivo” que gera capital.

É esse tipo de mão de obra explorada que contribui para com a vulnerabilidade socioeconômica de mulheres (principalmente negras e não-brancas em geral) e que, quando confrontado com o discurso de meritocracia, tão enfaticamente afirmado pela ideologia capitalista neoliberal, que se estabelece a necessidade de se “empoderar”, atendendo às noções de beleza das sociedades patriarcais de supremacia branca para progredir na escala social.

Tendo dividido a ideologia capitalista em 3 partes para possibilitar a compreensão desse sistema econômico, Fraser e Jaeggi (2020) conceituam o capitalismo da seguinte forma:

- (1) a propriedade privada dos meios de produção e a divisão de classe entre proprietários e produtores;
- (2) a instituição de um mercado de trabalho livre;
- (3) a dinâmica de acumulação de capital que se ancora numa orientação à valorização do capital em oposição ao consumo, acoplada a uma orientação ao lucro, não à satisfação de necessidades (FRASER; JAEGLI, 2020, p. 29)

Embora a propriedade dos meios de produção e a dinâmica de acumulação de capital sejam as características mais marcantes do modo de produção capitalista, e já foram discutidos, ainda que em linhas gerais, nos tópicos anteriormente relacionados a esse trabalho, é necessário compreender o sentido da liberdade estabelecida dentro do sistema econômico capitalista. Essa liberdade está vinculada a uma interpretação dupla, haja vista que os trabalhadores são livres apenas no sentido jurídico, onde não existe nenhuma força coercitiva que os obrigue a trabalhar, não caracterizando trabalho compulsório ou escravidão, mas são privados dos recursos e direitos que os permitam subsistência sem assinar um contrato de trabalho. Em outras palavras, são livres para trabalhar ou para morrer de fome.

O mesmo se aplica à escolha deliberada para atender aos padrões de beleza exigidos para mulheres em sociedades patriarcais. Elas são, em certa medida, livres para atendê-los, mas serão deslegitimadas caso não os atenda. Serão chamadas de “feministas-feias” e terão suas vozes silenciadas em diversas situações. Serão empurradas para a margem da sociedade e terão de conviver com as múltiplas violências simbólicas a elas dirigidas.

São as mulheres negras que recebem os piores salários e precisam se de maiores investimentos para serem reconhecidas e ouvidas dentro de uma estrutura social que violenta e silenciais quem não atende a suas determinações. São as mulheres negras que estão distantes dos estereótipos de beleza estadunidense-eurocêntricos patriarcais de supremacia branca e que, tendo suas consciências colonizadas, são induzidas a abdicarem de suas características de raça e se “empoderarem” para ser legitimadas, reconhecidas, aceitas e ouvidas.

É preciso reestabelecer a consciência e criticidade necessárias para a politização do pensamento feminista de modo que se proporcione a progressão e empoderamento de mulheres enquanto grupo social. É preciso transformar nossa realidade atual e repensar uma revolução capaz de moldar de forma espontânea e livre a teoria e a prática feminista (HOOKS, 2019c, p. 237).

### **Para entender de vez**

As ideias discorridas nesse artigo propõe uma reformulação do pensamento crítico da teoria feminista. Não mais considerar o feminismo como um estilo de vida individual e subjetivo, mas como um movimento social e político com o objetivo de revolucionar a sociedade patriarcal e sexista. A lógica mercadológica capitalista e neoliberal se apropriou do discurso feminista de empoderamento a esvaziou a palavra de seu significado coletivo a fim de potencializar seus lucros.

O medo da rejeição, do silenciamento e da aproximação da imagem da "feminista-feia" contribui para com o processo de despolitização da teoria feminista ao mesmo tempo em que revela o sucesso patriarcal e sexista no processo de colonização do pensamento.

Reestabelecer a politização do movimento feminista é de extrema importância para que seja possível realizar uma revolução feminista. Uma revolução que se inicia na base, na margem, na consciência, no subjetivo e se expande para o coletivo. Uma revolução que se propõe a romper com os estereótipos de feminilidade, beleza e moda que são criados, expostos e evidenciados pela ideologia

capitalista e patriarcal de supremacia branca. Uma revolução disposta a refletir acerca das problemáticas sexistas, racista, classistas e imperialistas que violentam psicológica e simbolicamente as mulheres, principalmente as negras.

É preciso refletir acerca das estratégias capitalistas que colonizam corpos e mentes para atender às expectativas estadunidense-eurocêntricas e desconsiderar todas as características descentralizadas e não brancas dentro do espectro padronizado de beleza. Considerar a interseccionalidade e a decolonialidade exige que se repense os padrões de moda e beleza dentro das estruturas de gênero, raça e classe, bem como a necessidade de se reconhecer a centralização de um ideal colonizador que se estabelece como padrão.

## Referências

- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Estudo do Ipea traça um perfil do trabalho doméstico no Brasil*. Disponível em:  
[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35255&Itemid=9](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35255&Itemid=9). Acesso em: 31 ago. 2020.
- FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. *Capitalismo em Debate: uma conversa na teoria crítica*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, Bell. *O Feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HOOKS, Bell. *Teoria Feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JEFFREYS, Sheila. *Beauty and misogyny: harmful cultural practices in the West*. New York, NY: Routledge, 2005.

MARCONDES, Mariana Mazzini et al (Org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013.

*O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo?* Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>> Acesso em 31/08/2020.

*Trabalho doméstico equivale a US\$ 10,8 trilhões não pagos às mulheres*. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/trabalho-domestico-equivale-a-us-108-trilhoes-nao-pagos-as-mulheres/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

WOLF, Naomi. *O mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.